

## Ensaio Teórico sobre o Imaginário e o Serviço Social no Pensamento Complexo.

Adriana Regina de Almeida (Unesp – [adrialme@terra.com.br](mailto:adrialme@terra.com.br))

Adriana de Oliveira Dias (Unesp – [adriodias@hotmail.com](mailto:adriodias@hotmail.com))

Cíntia Rosa Oliveira (Unesp – [cintia.rosa@bol.com.br](mailto:cintia.rosa@bol.com.br))

Tânia Aguila Silveira (Unesp – [taniasilveira@unimed-franca.com.br](mailto:taniasilveira@unimed-franca.com.br))

Eliana Amabile Dancini (Unesp – [elianadancini@terra.com.br](mailto:elianadancini@terra.com.br))

### Resumo:

O presente artigo visa fazer uma reflexão sobre o imaginário social dentro da atuação do profissional de Serviço Social que, assim como outros profissionais, desempenham em seu cotidiano a função de agente educador que busca desenvolver ações interventivas capazes de enfrentar as questões sociais que emergem da sociedade capitalista do século XXI. Esta reflexão será construída no seio do pensamento complexo que segundo Morin busca efetuar um ir e vir incessante entre certezas e incertezas, entre o elementar e o geral, entre o separável e o inseparável, a fim de articular os princípios de ordem e desordem, de separação e união, de autonomia e dependência, que são ao mesmo tempo complementares, competidores e antagônicos no seio do universo. Dessa forma recupera-se, por um lado, o mundo empírico, a incapacidade de se atingir a certeza, de formular uma lei eterna que conceba uma ordem absoluta e por outro lado, algo que diz respeito à lógica, ou seja, a incapacidade de evitar contradições. O imaginário se revela sob formas simbólicas, irredutíveis a uma lógica e ontologia da determinação e se manifesta como fluir criador que constrói permanentemente imagens com sentido de um mundo. O imaginário é pura potencialidade de renovar o sentido do que já existente. *Por isso, ele é considerado um fenômeno coletivo, social e histórico que alimenta o homem fazendo-o agir, ou seja, o homem é sujeito transformador de sua história. A transformação social é concebida como um processo de mudança social na sua forma mais profunda, produzindo alterações substantivas na estrutura e na dinâmica das instituições econômicas, sociais e ideológicas mediante a luta política que tem por referência básica o conceito de totalidade social. Nesta perspectiva o profissional de Serviço Social tem muito a contribuir enquanto agente educador que busca na compreensão do jogo de exclusão-inclusão da realidade, que é multidimensional, promover o empowerment do sujeito para que o mesmo resista a qualquer tipo de dogma e alienações de diferentes naturezas, para assim construir os projetos de um futuro que mobilize o espírito humano para assumir uma cultura diversificada, complexa e viva.*

**Palavras-chaves:** Complexidade, Imaginário e Serviço Social.

### Introdução

A natureza, assim como a sociedade, constitui uma totalidade de inter-relações. Os seres vivos são considerados, sob o aspecto ontológico, como incompletos, como seres de necessidades e como mortais/ finitos, permanentes e infinitos ao mesmo tempo.

A ciência moderna (antropocêntrica) colocou o homem como o centro de tudo no universo, dotando-o da arrogância de ser vivo superior aos outros do Planeta. Essa concepção levou os seres humanos, historicamente constituídos e organizados, a desenvolverem conhecimentos tecnocientíficos em direção a um tipo de progresso desenfreado e de sentidos específicos, quantitativo, material, voltados para o mercado e que, para tanto, põe a menos a natureza.

De entidade, de uma forma de vida particular, a terra é convertida apenas em fonte de recursos naturais a serviço das necessidades dos humanos. Em outras palavras, de ser vivo, de grande Domus que abriga os humanos e outros vivos, a Terra Mãe/ Pátria traz nas entranhas, para esse tipo de progresso, elementos e outras vidas convertidos em mercadorias no mercado interno e globalizado; carrega no ventre, para certos pensadores como Bacon, o semelhante do feminino a ser aprisionado, disciplinado, torturado, da mesma forma que o feminino da espécie humana.

Colhemos, no início do século XXI, os frutos da perversidade, da crueldade do mundo e dos humanos. O terceiro milênio, mais do que as últimas décadas, chama por uma mudança de perspectiva, como bem destacou Capra. Essa seria uma das possíveis emergências do pensar ecológico que tem, dentre as condições básicas, a desantropocentralização com o objetivo de

alcance do conhecimento das conexões existentes nos ecossistemas que articulam e estão articulados nos/ com os homens.

Neste contexto, destaca-se o paradoxo da unidade múltipla (*unita multiplex*), que responde pela universalidade e, ao mesmo tempo, pela diversidade dos vivos.

Compreender essa diversidade exige um pensamento que supere os reducionismos da ciência clássica na produção do conhecimento sobre a natureza e sobre as relações que dela emergem.

O pensamento complexo, resultado e resultante da reforma do pensamento e do conhecimento, que considera a presença da *unita multiplex*, referem-se tanto as questões de métodos, de teorias, quanto à (re) organização epistemológica. Segundo Morin, essa **epestume** busca efetuar um ir e vir incessante entre certezas e incertezas, entre o elementar e o geral, entre o separável e o inseparável.

A dialógica ordem / desordem/ reordenação, as dimensões de autonomia dependente e de organização trazem embutido a complementaridade, a simultaneidade nesse universo de duplicidades.

A complexidade nos torna sensíveis a evidências adormecidas: a impossibilidade de expulsar a incerteza do conhecimento. A irrupção conjunta da desordem do observador, no coração do conhecimento, traz uma incerteza, não somente na descrição e na previsão, mas quanto à própria natureza da desordem e a própria natureza do estático observador. (Morin, 2002, p. 463).

O pensamento complexo demanda uma crise existencial, uma forma de pensar e ser que aponta para o caos generativo de saberes e fazeres. Desconstruir, como condição que viabiliza a (re) ordenação vem provocando, ao longo da morte quântica e das pequenas mortes a cada instante, um leque de alteridades sempre em expansão.

Dessa forma, chega-se à incapacidade humana de chegar à verdade e certezas absolutas em relação à realidade empírica; percebe-se o impossível – formular uma lei geradora de uma ordem absoluta. Por outro lado, algo diz respeito à lógica do terceiro excluído que diz da incapacidade de evitar as contradições, o terceiro incluído.

Na lógica aristotélica, o surgimento de uma contradição no interior da argumentação, era indicativo de erro. Isso significava que era necessário voltar atrás e empreender uma outra argumentação. Em contrapartida, sob a ótica complexa, a presença da contradição, não necessariamente é sinal de erro. O erro, para alguns físicos quânticos pode revelar a presença de uma verdade mais profunda, objeto de investigação complexa.

Por muito tempo o conhecimento clássico privilegiou a explicação lógica aristotélica e linear, como verdade única e universal, desconsiderando tudo o que não se enquadrava nesses princípios, provocando uma oposição irreconciliável entre a racionalização da realidade e seu simbolismo.

Essa postura negligenciadora atingia, na verdade uma das dimensões, ao mesmo tempo da condição humana e do indivíduo, isto é, a subjetividade, se articularmos o emocional, o sensível, o poético, o afeto.

Qualquer conhecimento do mundo implica uma construção de sentido, pois as coisas não apresentam de forma imediata, natural e objetiva. O mundo do ser humano é sempre um sentido que transforma os elementos insignificantes em objetos carregados de significado cultural. Desse modo, o sentido reflete o mundo como se fosse uma rede de significados culturais por meio dos quais se compreende e transforma a realidade.

Castoriadis (1982) diz que o imaginário social, enquanto rede de sentidos, permite ligar os símbolos a significados e fazê-los valerem o que realmente representam.

## A construção do imaginário social

O conhecimento é a descoberta de relações entre signos; o conhecimento tem as propriedades do acontecimento, cuja regra e categorias não são dadas, mas se estabelecem na produção das relações. Defrontar-se com o desconhecido é reconhecer nos acontecimentos não exatamente o que acontece, mas alguma coisa no que acontece, constituindo-se o saber como um espaço de encontro com os signos, espaço em que os pontos relevantes se retomam uns nos outros, estruturando e modificando relações entre os signos instituídos.

É no cotidiano que as representações circulam, permitindo a comunicação entre os indivíduos e a ação no mundo, pois é o lugar onde o homem vive sua particularidade com perspectiva de superá-la em direção a totalidade da humanidade.

Este cotidiano está perpassado por várias ideologias que se constitui de conteúdos conceituais e de atribuições valorativas, sendo que suas representações se apresentam como verdadeiras e válidas ao mesmo tempo. Elas se propõem explicar e legitimar as condições sociais, fazendo com que pareçam justas.

Neste espaço é que o assistente social teoriza, projeta e elabora sua intervenção de maneira complexa: tem que responder as questões muito concretas, sócio-econômicas e políticas de uma sociedade extremamente diversificada, colocando-se diante de problemas muito específicos onde não basta apenas analisar o que acontece, mas tem que estabelecer uma crítica, tomar uma posição e decidir por um determinado tipo de intervenção, ou seja, escolher caminhos com riscos implícitos e explícitos em cada conjuntura. Devemos ter em mente que:

(...) a construção do saber do profissional, tendo como horizonte a intervenção, realiza um tríplice movimento; de crítica, de construção de um conhecimento 'novo' e de nova síntese no plano do conhecimento e da ação, em um movimento que vai do particular para o universal e retornam ao particular em outro patamar, desenhando um movimento em espiral de relação ação/ conhecimento, de pontos de situação/ pontos de lançamento. (Baptista apud Martinelli e ON e Muchail, 1995, p. 119)

O modo como ocorre este movimento em espiral, sem começo e nem fim, é que imprime a originalidade no conhecimento que é construído por este profissional que articula os diversos saberes, transformando esta articulação em mediações para uma ação específica.

Para Faleiros (1997) as mediações se encontram na realidade concreta e à medida que desconstruímos essa realidade vamos caminhando para a percepção das múltiplas possibilidades de um todo que é complexo.

Dessa forma, o trabalho com a interconexões das mediações representa um processo fundamental para a superação de uma visão parcial do fenômeno, colocando-o criticamente a fim de promover uma ação estratégica de intervenção na dimensão local e global das relações de forças, que implicam uma relação entre a conjuntura e a estrutura social. Faleiros diz que na conjuntura:

(...) as relações estruturais se fazem e se desfazem com movimentos mais ou menos profundos, de acordo com as forças em presença. Essas forças se constroem e desconstroem, nas relações de exploração, de poder e nas relações de disponibilidade de recursos e dispositivos advindos tanto da relação de produção como de outras relações e das estratégias e dos movimentos que se fazem nessa conjuntura, nessa dinâmica de poder. (Faleiros, 1997, p. 88)

A construção de estratégias irá permitir que o homem busque o que deseja e pode construir a partir das forças de que dispõe, através da construção de apoios mobilizáveis na conjuntura, em confronto com as oportunidades e forças que o fragilizam.

Neste sentido, uma estratégia de ação do assistente social seria promover o *empowerment* (empoderamento) dos sujeitos sociais, uma vez que para Faleiros (1997) é a relação de poder que produz a particularidade do Serviço Social no contexto de relação de forças.

A proposta do *empowerment* consiste no processo em que o profissional se engaja num conjunto de atividades com o indivíduo que objetiva reduzir a falta de poder, criada pelas avaliações negativas sobre seu pertencimento a um grupo que está estigmatizado em função da posição que ocupa na escala produtiva do trabalho social. Envolve a identificação dos blocos de poder que contribuem para o problema, assim como o desenvolvimento e implementação de estratégias específicas que objetiva reduzir os efeitos diretos e os indiretos desse poder que dificultam a atuação do homem enquanto sujeito transformador de sua história.

Mas para que esta transformação comece a ser implementada, o indivíduo precisa ter consciência, primeiro, de si próprio e de sua realidade. Porém, para Madeira:

O indivíduo parece estar longe de uma consciência já que o modelo de relações que se apresenta é pautado pela dominação. Ausente a iniciativa entendida como resultante da consciência. O homem é “prisioneiro de uma teia” onde as respostas para o encontro da consciência não são encontradas: a nação, a religião e o próprio consumo, elevado a condição de libertador pelos cânones do capitalismo, não fazem o real encontro de sua essência e, portanto, de sua consciência. O sujeito permanece não-nascido. (Madeira, 2004, p. 30).

A educação e a cultura representam as ferramentas mais adequadas para o desenvolvimento desta proposta de transformação da realidade, por se tratar de elementos capazes de promover a compreensão do mundo, investigando suas dimensões objetivas e subjetivas que se incorporam na ação coletiva refletida nas relações que o homem estabelece com a natureza e com outros seres vivos, contribuindo assim, para a construção do imaginário social. E é exatamente no imaginário social que o homem se diferencia dos outros seres vivos, pelo menos até onde entendemos e temos como pesquisas já produzidas em todo o mundo. Conforme Morin:

Tão importantes quanto a técnica para a humanidade são as criação de um universo imaginário e a multiplicação fabulosa dos mitos, crenças, religiões; o desenvolvimento técnico e racional, de resto, mostrou-se, até hoje, muito pouco apto a eliminá-los. (Morin, 2003, p. 40)

Ainda de acordo com Madeira, para haver uma mudança efetiva, é necessária uma proposta auto-reflexiva e de ruptura, que deve ser delineada pela resistência. Sendo assim, o sujeito deve resistir ou aceitar, como se a sociedade tivesse que existir sob a dominação. O autor acrescenta:

A gestão da cultura é terreno arenoso no qual, na maior parte das vezes, o poder público tende a não se desempenhar de forma coerente. O tratamento dado pela esfera pública de poder à cultura no Brasil é reflexo, na maioria dos casos, da postura neoliberal defendida e implantada pela economia globalizada de forma avassaladora na última década. Além disso, é forte o preconceito contra as classes populares - e aqui inclui-se a cultura subalterna - na formação histórico-social do Brasil, com privilégios às elites. (Madeira, 2004, p. 40).

## **Imaginário e cultura**

A trindade cérebro-espírito-cultura, que são, segundo Morin, termos inseparáveis, são para os pesquisadores do Serviço Social, uma ferramenta de vital importância para a educação e para

uma maior compreensão do imaginário social dos sujeitos assistidos e de como estes ‘imaginam’ o assistente social enquanto agente educador. Porém, vimos outra real necessidade de descoberta. É preciso que este agente educador e o sujeito assistido tenham conhecimento e entendimento de suas culturas. Precisamos ter em mente que não é possível fazer nenhum trabalho interventivo de educação separadamente da cultura. Morin afirma que:

Não se pode isolar o espírito do cérebro nem o cérebro do espírito. Além disso, não se pode isolar o espírito/cérebro da cultura. Com efeito, sem cultura, isto é, sem linguagem, *savoir-faire* e saberes acumulados no patrimônio social, o espírito humano não teria atingido o mesmo desenvolvimento e o cérebro do *homo sapiens* teria ficado limitado às computações de um primata do mais baixo grau. (Morin, 1999, p. 85).

### Considerações finais

As civilizações antigas, segundo Morin, realizaram grandes desenvolvimentos técnicos na edificação de monumentos grandiosos e extraordinárias descobertas científicas na astronomia, mas, ao mesmo tempo, grandes desenvolvimentos mitológicos nas religiões e ideologias. Morin complementa que:

Os modernos acreditaram ter entrado na era racional e positiva. Mas as religiões sobreviveram; cresceu, nos séculos XIX e XX, o formidável mito do Estado nacional uma esfera mitológica/mágica permanece nos alicerces psíquicos dos indivíduos; as crenças em espíritos, fantasmas, feitiços, continuam mais ou menos intensas; novas formas de mitologia espalharam-se através de filmes e das ‘estrelas’. Enfim, o mito, sobretudo, introduziu-se no pensamento racional no momento em que este pensava tê-lo expulsado: a própria idéia de razão tornou-se um mito quando um formidável animismo deu-lhe vida e poder, fazendo dela uma entidade onisciente e providencial. (Morin, 2003, p. 42).

As civilizações atuais têm que se conscientizar das realidades locais e globais, e principalmente do poder do imaginário, tanto o do educador quanto o do sujeito assistido pela assistência social brasileira e caminhar para uma nova forma de educar seus cidadãos, até mesmo para saberem quais são seus direitos e como requerê-los. Descobrir quem são os ‘ídolos das tribos’, como disse Morin se referindo aos homens da sociedade e o autor ainda acrescenta que foi somente no século XIX que o homem passou a refletir sobre as condições sociológicas de emancipação do conhecimento e ainda descobrir que a ciência podia, inconscientemente, obedecer aos ídolos.

Pois então, deixamos como alerta que os sujeitos, sejam eles de qual classe social for e a que cultura pertença, busque levantar, resgatar e descobrir quais são os seus ídolos, pessoas da própria comunidade, que têm o poder de transformação da realidade para que, juntos com os agentes educadores, os assistentes sociais, possam mudar a ‘cara’ do Serviço Social vigente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos.** São Paulo: Cortez, 2001.
- CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix: 2002.
- CASTORIADIS, D. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FERREIRA, L. M. A; ORRICO, E. G. D. (org). **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo, Brasiliense. 1983.
- MADEIRA. R.C. Dissertação de Mestrado – A resistência cultural nas Escolas de Samba de Ribeirão Preto-SP. São Paulo, USP, 2004
- MARTINELLI, M. L; ON, M. L. R; MUCHAL, S. T (org). **O Uno e Múltiplo nas Relações entre as Áreas do Saber.** São Paulo: Cortez, 1995.
- MORIN, E. **O método I: A natureza da natureza.** Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E. **O método III: O conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, E. **O método IV: As idéias.** Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MORIN, E. **O método V: A humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.